Colheita tardia – mesmo nas despedidas, parece que buscamos a verdade e as formas...

Jairo G. Ferreira

In memoriam a Alexandre Rocha da Silva (1971-2021)

> *Que bom que existem outras instâncias de vida e que poderemos voltar a estar juntos, integralmente! É o que nos anima. Estamos separados, temporariamente, e uma grande mesa de debate nos espera logo ali, junto aos outros amigos que já estão e à espera dos que chegarão. Consigo visualizar o espaço que Alexandre já organizou, o coletivo que está construindo e os agenciamentos em curso. Uma rede está em formação. Destinação única do ser humano, um dia desses, meio contra a vontade, estaremos chegando (Ione Bentz, Prolegômenos, neste número).*

Este número é uma colheita tardia.

Posso debitar isso às mudanças tecnológicas, que nos atravessaram com novas demandas. A revista está refeita, mutada. Mas isso é pouco para justificar. Esperamos também a lida das boas revisões. E, principalmente, precisávamos esperar o artigo da professora Ione Bentz, convidada para homenagear o nosso querido colega Alexandre Rocha da Silva. Um artigo assim não se faz numa chispa. São milhares de chispas que o produzem.

E, na condição de editor, apresentar isso não é simples, pois Alexandre – como disse um poeta de cujo nome não me lembro – não é de qualquer fornalha, nem igualha. São momentos em que a ruminação pede tempo – sem interferências, nem fazer administrativo (em que editores muitas vezes nos envolvemos, por decorrência dos fluxos e agendas que indexam as nossas práticas). É mais que meditar, pois na meditação os fluxos são mais imprecisos. É dar forma à desformatação do que é profano e cósmico.

* * *

O convite à professora Ione Bentz foi preciso. Em entrevista[1] ao IHU, há mais de dez anos, Alexandre disse que "Se só pudesse citar um nome seria o dela", referindo-se à nossa professora Ione, sua orientadora no mestrado e doutorado. Mas lembra outros: Christa Berger; na pós-graduação, Elizabeth Bastos Duarte, Norval Baitello Jr., Lúcia Santaella; na França, François Jost. Portanto, este número, se não é um dossiê, é uma homenagem a esse percurso, em que sempre somos acompanhados.

Em seu artigo, **Ione Bentz** dialoga com algumas preocupações finais de Alexandre (a reflexão, a partir da semiótica, para pensar a comunicação). Neste artigo, o primeiro, aborda-se uma questão complexa e central no campo dos estudos do signo, em relação com a comunicação. As 'provocações' lidam com discussões ocorridas no Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, liderado por Alexandre. Em especial, as relações entre as heranças do estruturalismo, suas mutações, as teorias sobre os sistemas e as interposições possíveis a partir de Peirce. Questiona, em especial, as contribuições das teorias de sistemas para a investigação dos "seres sociais".

O artigo de **Alexandre Rocha e Tais Severo** é parte do GPESC. Nele, também é abordada a relação entre semiótica e comunicação, no contexto do debate sobre a fixação das crenças. Aborda-se isso a partir da construção de crenças e hábitos – envolvendo, conforme os autores, 'efetividade pragmática e perspectiva epistemológica'. Apresentando a filosofia numa perspectiva triádica (em que cada um se desdobra em três, sucessivamente, constituindo matrizes complexas), os autores partem da diferenciação dos métodos de construção das crenças (a tenacidade, a autoridade, o *a priori* e o método científico – onde a secundidade agencia a semiose). Os autores destacam de Peirce, então, não apenas a lógica, mas também a 'conexão' com o real, em formas de conhecimento cooperativo – crítica e autocrítica, alteridade e correção de erros (falibilismo) –, na perspectiva da mudança de epistemes e práticas, em sucessivas aproximações ao que chamamos de verdade.

1 http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1704-ihu-reporter-56

* * *

Os dois textos posteriores recorrem a um movimento observado na pesquisa e produção bibliográfica da área: a interposição de uma perspectiva teórica, buscando-se, aí, produtividade de inferências na análise de empíricos ou de um campo observacional em potencial, pela interface sugerida. Este movimento não é linear, pois, muitas vezes, a interface com a comunicação ou processo midiático fica subsumida no destaque ao(s) autor(es) chamado(s) à referência. O processo editorial, nesse sentido, sempre insiste na melhor resolução para essa interface.

Neste número, o primeiro texto apresentado com essa lida é o de **Dimas Antônio Künsch, José Eugenio de Oliveira Menezes e Mauro Araujo de Sousa** – *Da hermenêutica de Nietzsche a uma epistemologia compreensiva da comunicação: "Não há fatos, mas somente interpretações"*. A hipótese subjacente ao título tensiona a perspectiva do texto anterior, sobre a construção de crenças (onde a interposição do real é central para o conhecimento que chamamos de científico). Ao optar por uma leitura a partir do olhar filosófico da comunicação, talvez o artigo careça de uma continuidade reflexiva que considere um texto citado de Nietzsche ("Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino"), onde são fortes as marcas de uma discussão que antecipa as reflexões da teoria crítica (primeira geração) e, também, perspectivas filosóficas atuais sobre as relações entre o tempo e o conhecimento. Na mesma operação, o texto de **Muriel Emídio Pessoa do Amaral e Paula Melani Rocha** aborda o jornalismo a partir das concepções de Hannah Arendt sobre espaço público, privado e comunicação. Este texto também traz a preocupação com a verdade (no caso, factual), trilhando alguns caminhos ao mesmo tempo epistemológicos e deontológicos.

* * *

Os dois artigos que seguem são esforços de sistematização – uma das labutas nas discussões epistemológicas da área, no sentido de dar inteligibilidade à dispersão da área em linhagens e vertentes que nem sempre dialogam.

Moisés Sbardelotto faz isso a partir da investigação realizada em seu pós-doutorado, que abrangeu 21 teses e 46 dissertações aprovadas no PPGCC-Unisinos sobre midiatização, utilizando uma metodologia que denomina análise performativa. Entre as suas conclusões, aponta a necessidade de articulação entre perspectivas micro e macro. A importância de seu trabalho corresponde a um conjunto de atividades de pesquisa realizadas neste PPG, especialmente as que colocam em debate vertentes da Europa (mais voltadas para o macro) e da América Latina (mais vocacionadas a pesquisas micro). Já o artigo de **Lídia Raquel Herculano Maia e Jadson Maia** parte de uma pesquisa bibliográfica – metodologia mais clássica. Importante esforço de uma sistematização didática, que não deixa de se enfrentar com as variações das próprias sistematizações, numa espécie de refração da dispersão da área. No artigo, interessante e instigante recuperação dos dilemas de Adorno quando, passando a pesquisar nos Estados Unidos, é "convidado" a usar as metodologias quantitativas – logo ele, um dos fundadores de um "método" ancorado na filosofia e na crítica dos meios.

* * *

O último artigo é de **Ângela Cristina Salgueiro Marques e Elisa Hernández sobre** *Temporalidades migratórias na sociedade cubana: interações comunicativas e estruturas morais.* Resultado de uma pesquisa empírica sistemática sobre o portal informativo Cubadebate, que tem como foco as interações, esse meio expressa a contradição entre um uso estratégico de promoção de políticas de Estado e dinamização, inesperada, de interlocuções entre cubanos moradores da ilha e no exterior – rompendo, de certa forma, com a política oficial de Cuba, em que o Partido Comunista determina "diretamente a configuração dos espaços de comunicação pública na ilha". Nele se evidenciam, dizem as autoras, a dispersão do que o Estado pretende identidade – em múltiplas imagens creditadas e debitadas aos migrantes. O objeto de investigação e as inferências talvez tenham uma importância redobrada, se considerarmos o curso da experiência chinesa, que, mesmo com suas diferenças, aponta para essa tensão entre fragmentação das narrativas individuais e narrativas de Estado.

* * *

O número termina com duas entrevistas: **Sandra Massoni**, intitulada *Mudanças de paradigmas da Comunicação e estratégias comunicacionais como algoritmos fluídos*, e *A universidade em diferentes momentos contemporâneos da midiatização*, com **Antônio Fausto Neto**. Inauguramos, assim, esta seção, que passará a ser regular, em atividade co-coordenada pelo doutorando Ângelo Neckel. A entrevista com Sandra foi realizada em conjunto com o doutorando Dinis Ferreira Cortes; a entrevista com Fausto Neto teve a participação também da mestranda Fernanda Lagroteria Ribeiro de Carvalho.